

Sertanistas penetram na selva para pacificar os cinto-larga

Sérgio Galvão

Culabá e Aripuanã. — As duas mais importantes expedições de pacificação de índios já realizadas no Brasil partiram esta semana em direção ao centro e ao norte de Mato Grosso, buscando o primeiro contato da Fundação Nacional do Índio com os cinto-larga.

As condições são as mais desfavoráveis possíveis: os índios estão desesperados, acuados como animais, devido às constantes penetrações de garimpeiros. O saldo dos contatos que tiveram com os brancos até hoje é bastante trágico. Eles passaram a não confiar nos civilizados.

COMO SÃO OS CINTO-LARGA

As condições financeiras da 6.ª Inspeção da Fundação, sediada em Culabá e responsável pelas duas expedições, são precaríssimas. O êxito e a vida dos 26 homens que as integram dependem de recursos. Para manter as duas expedições, a 6.ª Inspeção dispõe apenas de NCR\$ 2 mil.

Se o primeiro contato falhar, um segundo será praticamente impossível.

Não se tem idéia do número de índios cinto-larga existente. Já foram vistos em vários pontos do norte do Mato Grosso, numa extensão de mais de mil quilômetros. Nenhum sertanista manteve até hoje qualquer contato com eles. Os encontros com os brancos sempre foram de luta com garimpeiros ou seringueiros.

O que se sabe sobre eles, fruto de observações feitas em suas aldeias através de vãos baixos de avião ou pela deserção dos brancos que lograram sair com vida dos encontros, é que têm estatura mediana, falam um idioma desconhecido e, portanto, não catalogado. Andam inteiramente nus e usam na cintura uma larga cinta de madeira, de 20 cm aproximadamente, que lhes comprime a barriga, dando-lhes um porte alástico. A cinta é feita de casca de madeira — muito parecida com compensado — e dá duas voltas em torno da barriga, o que aumenta sua pressão. São bonitos de feições e lembram um pouco os xavantes, porém acredita-se que apenas na fisionomia tenham traços comum com a outra nação indígena.

EM BUSCA DA PACIFICAÇÃO

Cube ao sertanista Francisco Meireles a chefia de uma das expedições. Meireles é um homem com mais de 50 anos, grande parte dos quais dedicado à pacificação de índios. Aprendeu com eles a rastejar, a sentir cheiro de branco e a ouvir passos a grande distância, encostando o ouvido no chão. É, possivelmente, um dos mais experientes funcionários da Fundação.

Sua expedição sairá de Vila Rondonia, seguindo até Vilhena, no Território de Rondonia. Vão penetrar até o rio Tenente Marques, que serve de divisa entre o Território e o Estado de Mato Grosso. Em Tenente Marques, copstruirão canoas e descerão o rio.

Nessa região, os cinto-larga estão utilizando os garimpeiros há muito tempo. No princípio do mês passado, houve um choque entre índios e um grupo do garimpo, no qual foram mortos dez cinto larga.

O primeiro passo para o sucesso de uma expedição é a demarcação da área onde vão atuar os pacificadores. Isto já foi feito, através de um decreto do Presidente Costa e Silva. Com a demarcação, a área fica interdita ao trânsito de civilizados. Acontece que não há como fiscalizar a interdição, já que são áreas com mais de 10 mil km².

BOATO FACILITA TRABALHO

Mesmo assim, se não fossem tomadas medidas proibitivas, as penetrações seriam muito maiores. A terra, segundo a própria Constituição Federal, pertence aos índios, mas, perante o Estado do Mato Grosso, eles pertencem a quem tiver os títulos de propriedade, legalmente registrados em cartório. O interesse dos donos legais é fazer com que os índios saiam das terras, a fim de que eles possam tomar posse definitiva "do que lhes pertence por lei."

Como a imprensa passou a noticiar, insistentemente, a existência de massacres de índios por proprietários de terras, surgiu, há três ou quatro anos, uma técnica nova: espalhar o boato de que um determinado garimpo estava dando boas pedras. Isto, segundo alguns sertanistas, vem sendo "programado cientificamente" e os objetivos têm sido atingidos.

Sabe-se que o índio sempre foge para uma outra área quando vê a aproximação de brancos. Por longa experiência, eles sabem que não podem conviver com os civilizados em uma mesma área: a pesca diminui, a caça torna-se difícil e há sempre o temor justificado de que suas aldeias sejam invadidas e saqueadas.

Acontece que, com as notícias sobre ricos garimpos, surgiram frentes de todos os lados e o índio ficou desesperado por não ter mais para onde ir. Em consequência, deixou de fugir e passou a enfrentar os brancos.

A EXPEDIÇÃO MAIS DIFÍCIL

Com voz tranqüila e olhar perdido, o sertanista Francisco Meireles fala sobre os problemas que terá de enfrentar para pacificar os cinto-larga. Sua expedição poderá durar quatro meses, um ano, como também poderá ser dissolvida antes de ser atingido o objetivo:

— Nunca atuei em uma frente como essa, onde o índio está tão perseguido. A situação ficou difícil, porque eles vão tomar nossa expedição como mais uma frente de garimpeiros. Sabemos que os donos das terras não têm interesse na sua demarcação. Estaremos contra o fogo dos índios, dos interessados no seu extermínio e contra o fogo do próprio garimpeiro, que se torna presa útil nas mãos do dono da terra.

No mês passado, nessa região, um grupo de 18 garimpeiros foi repellido duramente pelos cinto-larga. Os garimpeiros, depois de vários dias de trabalho, sentiram que os índios estavam fechando o cerco em torno deles. Não viam ninguém, mas sentiam a presença e ouviam os assobios característicos. Passaram a se esconder no tauri (uma árvore de tronco colossal) e a caminhar somente à noite. Sabiam que os índios não atacam no escuro, pois não podem fazer pontarias com suas flechas. Não puderam se esconder muito tempo. Veio o choque, morreram dez índios e um garimpeiro, depois do que, os garimpeiros sumiram para um lado e os índios para o outro, atemorizados pelas armas dos brancos, apesar de estarem em maior número.

EM PLENA IDADE DA PEDRA

O sertanista Francisco Meireles terá sob sua responsabilidade duas frentes: uma com direção ao rio Tenente Marques e outra seguindo para a Serra da Providência. Na primeira deverão seguir 13 homens — dez trabalhadores da Fundação e três índios civilizados de raças diferentes. O trajeto será feito a pé e de canoa. Assim que chegarem ao local previamente determinado e que deve permanecer em sigilo para não facilitar o trabalho dos interessados no fracasso da expedição, será instalado um acampamento e tentado o primeiro contato.

No acampamento ficará uma turma com um rádio transmissor, enquanto uma outra vai na direção das malocas, já localizadas por meio de um avião. No mato, vão encontrar vários caminhos de caça, porém, existe um que é mais batido, bem trilhado, que serve para ligar aldeias.

Assim que encontrarem esse caminho, deverão segui-lo até uma determinada altura, a uns 500 metros das malocas. Nesse ponto, construirão um jirau, onde colocarão presentes — facas, machados, panelas, tesouras. É interessante lembrar que os índios ali desconhecem o ferro. Estão ainda na idade da pedra polida. Suas flechas têm ainda pontas de madeira ou de osso. Apesar de terem preferência por presentes fideis, gostam muito de lenços com cores vistosas, colares de contas de plástico, chocalhos e outras bugingangas.

NAO QUEREMOS GUERRA

Segundo os planos do sertanista, depois de colocados os presentes no jirau, a turma voltará ao acampamento, onde aguardará a reação dos índios.

— Quando eles acharem os presentes, virão no nosso rastro. Poderão vir querendo e, neste caso, mostraremos que somos de paz e que não queremos guerrear com eles. Por meio de cabeças-de-negro e buscapés, dêses que só fazem muito barulho, daremos a entender que temos armas mais poderosas, mas que não nos interessa usá-las — explicou Francisco Meireles.

Diante disso, os índios ficarão três ou quatro dias fazendo provocações de longe, atirando flechas e espreitando todos os movimentos da expedição.

— Tentaremos falar com eles. Mostraremos que não temos mais as armas. Quando forem embora, iremos atrás deles. Levaremos as flechas que atiraram sobre o acampamento, quebraremos as pontas e as colocaremos no jirau dos presentes, com mais panelas, mais facas e outros objetos que eles apreciam — contou o sertanista.

Este trabalho requer meses de paciência e de cautela. No acampamento deverá haver alegria. Os homens da Fundação levam sanfonas, passarão os dias cantando e rindo, para que os índios sintam que aquela frente é diferente das frentes de garimpeiros, que caminham em silêncio e se escondendo. A medida que forem adquirindo a confiança dos brancos, estes irão penetrando mais na região.

EXITO DEPENDE DE CONFIANÇA

A expedição leva grande quantidade de flâmulas brancas, com as letras SPI em vermelho — as flâmulas da Fundação ainda não existem. Estas flâmulas serão colocadas nas árvores, nas picadas, no material, em todo acampamento, nos presentes e nas roupas dos componentes da expedição.

Com isto, o índio toda vez que vir o sinal do SPI passará a ter mais confiança. Saberá que são pessoas que não fazem mal, que são alegres e que deixam bons presentes. A partir do momento que conseguirem o primeiro contato, procurarão fazer com que os índios entendam que o objetivo é protegê-los contra os "brancos maus". Que aquela terra é deles. Ensinarão a utilizar a enxada, a tesoura, a faca e outros objetos. O trabalho maior será aprender o idioma deles, porém esperam ter o trabalho facilitado pelos três índios civilizados que integram a expedição e que falam várias línguas indígenas.

Depois de estabelecido o primeiro contato, construirão num ponto estratégico a primeira missão da Fundação. Desse momento em diante, nunca mais poderão abandoná-los. Com a pacificação do primeiro grupo, partirão para outros núcleos ou outras aldeias, onde realizarão o mesmo trabalho, agora já mais facilitado porque da expedição farão parte índios da mesma tribo já pacificados.

Apesar da experiência e do otimismo de seus planos, o sertanista Francisco Meireles não esconde o seu temor quando declara:

— Esses índios foram vítimas da maior pressão já verificada na história dos índios, devido à exploração da cassiterita, tantalita, titânio e outros minerais raros. Há pouco tempo, falavam em invadir a área dos Cinto-Larga com 15 mil garimpeiros, porém a vigilância e as interdições fizeram com que diminuisse o número de frentes.

UMA OUTRA EXPEDIÇÃO

João Américo Peret é outro sertanista que chefiará uma segunda expedição. Tem pouco mais de 30 anos, porém já realizou bons trabalhos de pacificação. Sua expedição será realizada na região do rio Aripuanã. Irá direto ao campo 21 — uma pista de pouso improvisada no meio da selva — de onde partirá a pé para a região de Serra Morena, numa extensão de 30 a 40 quilômetros.

A região que lhe coube pacificar é uma das mais difíceis. Recentemente, os índios Nhambiquara interditaram uma pista de pouso em Serra Morena, cruzando cipós sobre o campo de pouso. Os brancos tiveram que construir outro campo num local mais afastado. A pista tinha sido aberta pelos trabalhadores da firma seringueira Arruda & Junqueira e Cia. Ltda. a fim de facilitar a penetração de garimpeiros.

Nessa mesma região, no dia 14 do mês passado, houve um ataque dos Cinto-Larga contra 14 garimpeiros, há dez quilômetros do acampamento seringueiro, junto à nova pista de pouso.

Segundo o relato dos garimpeiros, eles estavam tomando banho no rio, quando os índios apareceram de surpresa, no alto de uma pequena serra. Chegaram correndo, gritando e atirando flechas, sem lhes dar tempo de correr para as armas que tinham ficado junto às roupas na margem do rio. O recurso foi atravessar para a outra margem. Os índios não sabiam nadar. No ataque, um garimpeiro recebeu um flecha na nuca que lhe saiu no olho direito. Chamava-se Antônio Borges e era conhecido como Miami. Mais três garimpeiros foram feridos, mas mesmo assim conseguiram cruzar o rio.

Na outra margem, os garimpeiros viram quando um índio, presumivelmente, o chefe, tirou três penas do cocar — duas azuis e uma vermelha — e as atirou no chão. Possivelmente, ele imaginava ter matado um e ferido dois, segundo explicações de sertanistas.

Os garimpeiros viram também os índios atirarem no rio todas as armas e roupas que tinham ficado na outra margem. Algumas semanas mais tarde, o chefe da 6.ª Inspeção da Fundação Nacional do Índio, Sr. Hélio Jorge Buckler, sabendo do ocorrido, visitou o local, recolheu as três penas que ainda se encontravam onde o índio as tinha jogado, porém não encontrou qualquer índio de que algum índio tivesse morrido.

O processo de pacificação a ser utilizado pelo sertanista João Américo Peret é idêntico ao de Francisco Meireles. Para ambos, a colaboração das autoridades representa tudo.

O Governo federal estava interessado no problema, mas, a caixa da 6.ª Inspeção da Fundação Nacional do Índio continuava sem recursos. Apenas NCR\$ 2 mil que, além de suprir os primeiros gastos das duas expedições, estavam destinados a manter o tratamento de saúde de dez índios civilizados albergados na sede, em Culabá, a maioria atacados de tuberculose.

Com relação aos índios albergados em Culabá, sabe-se que a tuberculose continua sendo o maior mal que os brancos transmitem aos silvícolas. Sem resistência orgânica, qualquer gripe — doença comum no branco e desconhecida pelo índio — transforma-se em tuberculose, sem falar nas anemias e verminoses, que passaram a ser doenças características do índio civilizado.